

Comunidade Quilombola de Furnas do Dionísio: manifestações culturais, turismo e desenvolvimento local

Anelize Martins de Oliveira (anelizemdl@ucdb.br) * e
Marcelo Marinho (marinho@ucdb.br) **

Resumo

Furnas do Dionísio é uma comunidade quilombola que enfrenta problemas decorrentes da estrutura sócio-econômica brasileira. Nessa perspectiva, busca-se estudar seu patrimônio sócio-cultural e alternativas para um processo de desenvolvimento em que se preserve sua identidade cultural. Inicialmente, buscaram-se os elos entre cultura e atividade turística, com vistas à geração de renda e emprego no âmbito da comunidade. Para tanto, parte-se do princípio da necessária gestão participativa dos recursos disponíveis e das metas de desenvolvimento.

Palavras-chave: Cultura e desenvolvimento; Manifestações culturais; Cultura e Turismo.

Abstract

Furnas do Dionísio is a quilombola community facing problems related to Brazilian socio-economic structure. In that perspective, this paper approaches the community socio-cultural heritage and some alternatives for a development process preserving that cultural identity. Initially, the relations between culture and touristic activities are explored, aiming to generate income resources and work positions inside the community. In such a way, the starting point is the principle of a necessary participating management of available resources and development goals.

Key-words: Culture and development; Cultural manifestations; Culture and Tourism.



Laboratório de Tecnologia e
Desenvolvimento Social



Introdução

A Fundação Cultural Palmares - órgão ligado à Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça - catalogou oficialmente, até o ano de 2004, 743 núcleos remanescentes de quilombos espalhados pelo território nacional, mas estima-se que tais grupos, distribuídos de norte a sul do país, ultrapassem a soma de 2000. As comunidades quilombolas podem ser consideradas depositários culturais em função de sua existência em núcleos relativamente isolados na malha geográfica regional. Essas comunidades buscam o auto-reconhecimento identitário e a afirmação sócio-cultural, questões que vêm se agregar aos problemas econômicos resultantes do isolamento geográfico e do processo de formação histórica do país.

No mundo globalizado, a diversidade cultural local cede lugar à massificação, enquanto as disparidades do Desenvolvimento Humano (medido pelo IDH) acentuam-se nos planos local, regional e global. Essa questão é amplamente discutida no Relatório "Liberdade Cultural num Mundo Diversificado", elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), com base no Índice do Desenvolvimento Humano relativo ao ano de 2004. O relatório demonstra que a erradicação da pobreza e a solução de problemas em setores prioritários como educação, saúde, meio ambiente e crescimento econômico, passam pela diversidade cultural e pela inclusão social.

Assim, a cultura é um fator essencial do desenvolvimento, razão pela qual este artigo busca analisar, na comunidade quilombola Furnas do Dionísio, aspectos culturais próprios que possam estimular o desenvolvimento tanto econômico quanto humano. Contudo, é fundamental levar em consideração as expectativas da população local: pouca chance de sucesso terá todo e qualquer

processo de desenvolvimento que desconsidere os fatores endógenos.

Cultura: questão e conceitos

Marvyn Claxton (1994) relembra que, em 1982, a UNESCO define o termo "cultura" como o conjunto de manifestações humanas que engloba não somente as artes, mas também o modo de vida e os sistemas de valores de uma dada sociedade ou grupo social.

Por sua natureza sistêmica, a cultura deve ser analisada como um processo de compreensão e transformação do mundo, no qual se estabelecem relações intrínsecas entre diferentes aspectos da vida humana e ao qual incorporam-se preceitos econômicos, sociais, artísticos, intelectuais, espirituais, entre outros.

Verhelst (1992, p. 37) defende a idéia de que cultura é um "conjunto de soluções originais que um grupo de seres humanos inventa a fim de se adaptar ao seu ambiente natural e social". O autor considera vários aspectos vivenciados pelo ser humano, como por exemplo, *savoir-faire*, conhecimentos técnicos, costumes relativos à vestimenta, alimentação, religião, mentalidade, valores, língua, símbolos, comportamento econômico e sócio-político, formas autóctones de tomar decisões e exercer o poder.

Quanto ao dinamismo da cultura, Cunha (1986, p. 101) salienta que "a cultura não é algo dado, posto, algo dilapidável também, mas algo constantemente reinventado, recomposto, investido de novos significados [...]". Assim, Cucho (1999, p. 143) relembra que "[...] se cultura não é um dado, uma herança que se transmite imutável de geração em geração, é porque ela é uma produção histórica, isto é, uma construção que se inscreve na história e mais precisamente na história das relações dos grupos sociais entre si". Na mesma linha de

* Bacharel em Turismo e Mestre em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco. Contato: anelizemal@ucdb.br.

** Doutor em Literatura Comparada pela Sorbonne e Docente do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco. Contato: marinho@ucdb.br.

raciocínio, Ullmann (1991, p. 83) sublinha a idéia de que:

[...] o comportamento humano é um comportamento aprendido. O homem não vive predeterminado pelo instinto, o qual adotou, de maneira completa, a vida dos irracionais [...]. Aprendendo a viver, pode, também, aprender a viver melhor. Essa característica de aprender a viver e a humanizar-se recebe o nome de cultura.

Retomando as idéias de Cucho (1999, p. 140), observa-se que "não existem, conseqüentemente, de um lado as culturas puras e, de outro, as culturas mestiças. Todas, devido ao fato universal dos contatos culturais, são, em diferentes graus, culturas mistas, feitas de continuidades e descontinuidade". Assim, a cultura passa por um processo constante de desestruturação e reestruturação que afeta diretamente a identidade, pois, como aponta Castells (2000), os indivíduos agrupam-se, de forma maleável, em organizações sociais que, ao longo do tempo, podem gerar sentimentos de pertença ao território e, em muitas ocasiões, uma identidade cultural amplamente compartilhada.

Hermet (2002) afirma que as atividades culturais - aqui interpretadas como manifestações de afirmação coletiva - simbolizam uma identidade comum e tornam-se fator de auto-estima à medida que as comunidades tendam a caracterizá-las como expressões culturais de seu próprio grupo.

Assim, quando uma sociedade se comprometer com a valorização de sua cultura e identidade, passando a reconhecer sua história coletiva como instrumento para o enfrentamento dos problemas compartilhados socialmente, a cultura será peça chave para se buscar alternativas que promovam o desenvolvimento local.

Cultura e desenvolvimento

Como relembra Arocena, em seu livro *El desarrollo local: un desafío contemporáneo*, as diferenças de idade, etnia, nacionalidade ou religião devem ser consideradas quando se trata do desenvolvimento humano. O conjunto da sociedade - representada por agentes governamentais e não-governamentais, agências de fomento e órgãos internacionais, entre outros - está se tornando mais consciente das diversidades sócio-culturais e da existência de uma sociedade mais complexa e multicultural.

Sob o mesmo enfoque, Kliksberg (1999) afirma que um novo modelo de desenvolvimento deve valorizar o ser humano, de forma que até mesmo o pensamento econômico de modelo capitalista - baseado na idéia de que o progresso material reduziria a pobreza e a disparidade social - está se tornando mais flexível e considerando um processo de desenvolvimento voltado aos valores humanos e à diversidade cultural. Segundo o autor, o processo de desenvolvimento só resultará autêntico se estiver direcionado ao bem estar do ser humano que, por sua vez, deverá ser o agente de próprio desenvolvimento.

A cultura, nessa perspectiva, consolida a identidade coletiva e viabiliza novas estratégias de desenvolvimento sócio-econômico e cultural, mormente no caso de comunidades tradicionais, tais como as comunidades quilombolas.

Comunidade quilombola de Furnas do Dionísio: formação sócio-histórica

Localizada a 48 km de Campo Grande, no município de Jaraguari, a comunidade quilombola de Furnas do Dionísio foi fundada em 1901 por Dionísio Antônio Vieira, ex-escravo oriundo de Minas Gerais, que se

deslocou com sua família na expectativa de encontrar solo produtivo no qual pudesse garantir a subsistência de seus familiares.

Seis anos após sua chegada, Dionísio decidiu requerer definitivamente a posse das terras, recebendo o título provisório junto à Secretaria da Agricultura, Indústria, Comércio, Viação e Obras Públicas, do então Estado de Mato Grosso. Dez anos mais tarde, foi-lhe outorgado o título definitivo de apropriação, relativo a 914 hectares.

Após sua morte, por volta de 1920, seus onze filhos inventariaram a gleba, demarcando-a em linhas familiares com área entre dois e cinquenta hectares, conforme o tamanho da família beneficiada. Na expectativa de alcançarem melhores condições de vida, muitos dos herdeiros venderam suas terras e migraram para a cidade, restando atualmente apenas 580 hectares pertencentes aos mais de 400 moradores, agrupados em aproximadamente 86 famílias que descendem diretamente de Dionísio.

Aspectos econômicos de Furnas do Dionísio

Segundo os estudos de Leite (1995), a economia dos Dionísios, voltada para a para a subsistência e para a pequeno comércio, baseia-se na criação de animais de pequeno ou médio porte, na produção de leite e seus derivados, na agroindústria caseira, assim como na agricultura familiar - que ocupa mão-de-obra local, provêm o sustento em épocas difíceis e reduz a migração para outras áreas.

Assim, a maior parte dos membros da comunidade tem produção própria, cujos excedentes são comercializados em cidades próximas: rapadura, farinha de mandioca, açúcar mascavo, melado, frutas locais em compota (doces de caju, mamão, goiaba, guavira, entre outros), ainda produzidos segundo processos artesanais e métodos

passados de geração para geração.

Há também aqueles que trabalham em fazendas da região, como empregados rurais, ou nas três escolas locais (duas municipais e uma estadual), como professores, auxiliares administrativos, merendeiras ou serventes, contribuindo para aumentar a renda de suas próprias famílias. Em média, as famílias compõem-se de cinco membros e têm uma renda mensal que varia de R\$ 400,00 a R\$ 800,00.

Nos últimos anos, observa-se a chegada espontânea de um pequeno contingente de visitantes em busca dos produtos locais e de contato com o modo de vida daquela população quilombola, surgindo, daí, formas insipientes de turismo tanto cultural quanto em espaço natural, incluindo o ecoturismo e o turismo rural. Contudo, a renda gerada por esses visitantes ainda está distante de satisfazer as necessidades da comunidade.

Aspectos sócio-identitários da comunidade de Furnas do Dionísio

Em consequência dos estudos antropológicos da Fundação Cultural Palmares (FCP), em 2000 Furnas do Dionísio recebeu a denominação de "remanescente de quilombos", o que significa, conforme o art. 2 do decreto federal nº 4887, de 20 de novembro de 2003: "grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida".

A identificação de uma comunidade como remanescente é essencial para garantir o direito à propriedade. Para definir Furnas do Dionísio como território quilombola, a FCP elaborou um relatório técnico, informando sobre os aspectos étnicos, históricos, culturais e sócio-econômicos do grupo, para que as

terras suscetíveis de reconhecimento e demarcação fossem delimitadas, evitando posteriores questionamentos e disputas territoriais.

Não apenas por compartilhar características físicas comuns (como a cor da pele e diferentes graus de parentesco), mas também, e sobretudo, por suas práticas culturais tradicionais, Furnas do Dionísio é uma comunidade que se auto-identifica com o território de que é parte integrante.

Vale observar, por esse prisma, que Poutignat e Fenart (1998, p. 189) ressaltam que "os grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores e, assim, têm a característica de organizar a interação entre as pessoas". Dessa forma, os modelos culturais podem ser constantemente reelaborados, com base nas origens, tradições e culturas comuns ao grupo. Em outras palavras, as manifestações culturais tanto se originam do grupo quanto dão forma a esse mesmo grupo.

Amorim (1998) resalta que as comunidades remanescentes de quilombos desenvolveram, ao longo de sua formação, uma identidade que se define pelas experiências vividas e compartilhadas em relação às suas trajetórias históricas. Assim, a identidade tem o território como referencial determinante como ponto de articulação da existência e da memória coletiva.

Em Furnas do Dionísio, as pesquisas revelam que os membros da comunidade valorizam em alto grau a base familiar e os laços de amizade. A organização das atividades desempenhadas muitas vezes depende da cooperação mútua. Tal fato pode ser explicado pela relação de coexistência harmoniosa entre os membros mais antigos e mais jovens, com permanente legado de histórias, tradições e experiências. Boa parte dessa tradição quilombola resultou na publicação do livro "Flor do Quilombo", compêndio de experiências coletivas

realizado por Sirlene Jacque de Paula Silva, moradora que transformou a história dos Dionísios em literatura infanto-juvenil.

Manifestações culturais em Furnas do Dionísio

Entre as práticas culturais levadas a efeito entre os Dionísios, os momentos de festejo pessoal e devoção religiosa organizam-se em torno da comunidade. As comemorações locais apresentam principalmente caráter religioso e as tradições são transmitidas de geração em geração, preservando-se a memória local. Dessa forma, a integração em torno de manifestações culturais oferece aos membros da comunidade uma estratégia de prevenção quanto aos tempos futuro, como reflexo do desejo de reprodução perene da própria história local. O leque de tradições transmitidas é amplo e inclui vários aspectos, da dança à culinária, da história à farmacopéia.

Saúde coletiva e plantas medicinais

Em Furnas do Dionísio, a diversidade das plantas existentes e o importante conhecimento de ervas medicinais propiciam aos moradores o emprego de uma eficaz farmacopéia local. Nesse sentido, Cuéllar (1997) resalta que a relação entre natureza e cultura deve fundamentar-se no conhecimento tradicional das comunidades autóctones, de forma a incentivar a gestão sustentável dos bens coletivos.

Assim, além das tradicionais rezas e benzimentos que, no mínimo, trazem algum reconforto e reforçam a identidade comunitária, algumas enfermidades são tratadas com a farmacopéia regional. Dentre essas plantas, destacam-se, por exemplo, a cancorosa, empregada para combater dores estomacais; o babatimão, como cicatrizante; o marmelinho, empregado para combater a anemia e o

reumatismo; a erva cidreira, para gastrite; a flor de laranjeira, um calmante natural, entre várias outras espécies.

Todavia, ressalta-se que o uso de ervas e raízes não é uma forma de recusa voluntária ao tratamento clínico. Pelo contrário, o emprego da farmacopéia natural é uma forma local para paliar o deficiente atendimento semanal do único posto de saúde existente num raio de aproximadamente 15 km.

Festas religiosas

Em junho é festejado Santo Antônio - padroeiro da comunidade -, com rezas, terços e novenas. Paralelamente, realizam-se jogos, preparam-se coletivamente pratos da culinária local, organiza-se um leilão para arrecadar fundos para custeio de despesas definidas pela comunidade. Essas manifestações culturais encerram-se com a queima de uma fogueira. Durante o evento, os Dionísios participam de danças tradicionais, como a catira e o engenho novo, transmitidas de geração em geração.

Nossa Senhora Aparecida também é homenageada no dia 12 de outubro, data em que igualmente comemora-se o Dia da Criança. Para a comemoração de Nossa Senhora, realiza-se uma procissão e a reza do terço. A festividade termina com o almoço em que se servem comidas típicas - arroz com palmito gariroba ou com galinha caipira, frango caipira com gariroba ou com mandioca, arroz carreteiro, bolo de goma de mandioca, quibebe de mandioca (carne refogada com purê de mandioca). Ao término da refeição, são oferecidos doces e bolos às crianças.

Outras comemorações importantes

A Festa da Primavera, comemorada em setembro, convoca a prosperidade, reunindo a comunidade para a realização de atividades culturais, como gincanas, jogos

esportivos e outras brincadeiras. Ao anoitecer, membros mais idosos realizam danças típicas e contam histórias de seus ancestrais, enquanto os mais jovens demonstram a harmonia de gerações que marca a festividade.

Em 20 de novembro, comemora-se o Dia da Consciência Negra, com a reunião dos moradores de Furnas do Dionísio, as lideranças políticas e as entidades ligadas à questão do Negro.

No plano dos festejos individuais, os aniversários dos mais idosos são uma ocasião em que se reúne grande parte da comunidade. Nessa perspectiva, como sustenta Moura (In: Funari e Pinsky, 2001, p. 38), "as festas apresentam um caráter ideológico uma vez que comemorar é, antes de tudo, conservar algo que ficou na memória coletiva". Observa-se, portanto, que os Dionísios se agrupam para celebrar acontecimentos importantes segundo os valores locais, reforçando assim, a aliança comunitária e a identidade cultural.

Como demonstram as manifestações culturais dos Dionísios, o reconhecimento do saber e da história local é uma das chaves para ações que viabilizem processos de desenvolvimento sócio-cultural e de sustentabilidade ambiental. Desse modo, os recursos existentes e compartilhados podem ser utilizados para implementar outras atividades de desenvolvimento coletivo, como é o caso do turismo.

O turismo com base local em Furnas

Como orienta Benevides (In: Rodrigues, 1999), o turismo com base local pode ser implementado como uma estratégia eficaz de inclusão social, de desenvolvimento sócio-cultural e de preservação ambiental. Para tanto, todo e qualquer projeto deve levar em consideração as reais necessidades da comunidade, da saúde à educação, da

geração de empregos ao fortalecimento da identidade cultural.

Barreto (2000) sustenta que a atividade do turismo deve servir como estímulo às manifestações da alteridade e da identidade cultural local. Entretanto, as manifestações culturais locais devem evitar a armadilha de se tornarem apenas o reflexo daquilo que o turista busca encontrar naquela comunidade.

Segundo Swarbrooke (2000), o turismo de base cultural varia conforme os diferentes espaços geográficos. Em áreas urbanas, o turismo volta-se para atrações turísticas físicas e artes performáticas; em áreas rurais, o turismo centra-se na observação e na vivência de estilos de vida tradicionais.

Portanto, os hábitos culturais dos Dionísios podem servir de estímulo à implementação tanto do turismo em espaço natural - que envolve o exercício de atividades realizadas junto ao meio ambiente e ligadas ao cotidiano rural - quanto do turismo cultural - direcionado às pessoas que desejam vivenciar tradições e costumes específicos dessa comunidade quilombola. Para a Organização Mundial do Turismo (2003, p. 76):

[...] elementos culturais podem encontrar no turismo um importante veículo de revitalização e conservação, geralmente de forma seletiva. Ao observarem que os turistas apreciam suas tradições, é mais provável que os residentes renovem seu orgulho em relação à sua cultura e apoiem a sua conservação.

Em Furnas do Dionísio, observa-se que a vocação primeira é a fabricação de produtos artesanais derivados da cana, da mandioca e do leite. Por intermédio dessa produção artesanal, preserva-se parte da história e da identidade local. Nesse contexto, o turismo pode gerar benefícios sociais e econômicos, não apenas em relação à geração de emprego e renda, mas também

no tocante ao fortalecimento da cultura local e da auto-estima da comunidade.

Assim, de acordo com o Guia de desenvolvimento do turismo sustentável (2003), por não exigirem grandes investimentos de capital, as atividades ligadas ao ambiente natural e cultural fazem com que os moradores sejam os primeiros beneficiários; por outro lado, os visitantes podem tirar benefícios do aprendizado sobre o local, sobre seu estilo de vida, suas tradições, sua culinária típica e suas atividades econômicas.

Para tanto, um aspecto importante seria a inserção da comunidade em roteiros turísticos que viessem a divulgar as manifestações culturais. No caso de Furnas, as festas de caráter religioso poderiam estar presentes em guias turísticos regionais ou nacional, despertando, no imaginário coletivo, interesse pela cultura quilombola dessa comunidade. De mesma forma, o desenvolvimento do turismo na comunidade de Furnas do Dionísio deve se tornar um fator de valorização sócio-cultural e integrar, necessariamente, o planejamento participativo.

Considerações finais

A cultura não é um conjunto cristalizado de valores, uma vez que esta se recria à medida que as pessoas redefinem suas práticas em função das mudanças globais. Assim, as formas de afirmação cultural atribuem sentido de identidade e de pertença.

Na comunidade de Furnas do Dionísio, o legado histórico-cultural apresenta-se de grande valia para que se explore o potencial endógeno de desenvolvimento. Esse território quilombola, depositário de tradições, de histórias e de um vasto patrimônio identitário, reflete um forte sentimento de pertença que, por conseqüência, pode estimular atividades que venham a promover o

desenvolvimento sócio-cultural.

O turismo, se adequadamente planejado, é uma importante alternativa de desenvolvimento, desde que a gestão seja participativa e articulada com vistas aos benefícios tanto econômicos quanto sócio-culturais. Nessa perspectiva, deve-se preservar hábitos e manifestações culturais dessa tradicional comunidade de remanescentes de quilombos de Furnas do Dionísio, garantindo-se a coesão da malha de relações entretecida ao longo do tempo. Ao mesmo tempo, promove-se a inserção da comunidade na economia regional e implementa-se o bem-estar sócio-comunitário.

Referências bibliográficas

- AMORIM, C. R. (org.). Negros do Ribeira: reconhecimento étnico e conquista do território. São Paulo: ITESP, 1998.
- AROCENA, J. El desarrollo local: un desafío contemporáneo. Buenos Aires: Universidad Católica, 2001.
- BARRETO, M. Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento. Campinas: Papirus, 2000.
- BENEVIDES, I. P. Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A. B. Turismo e desenvolvimento local. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- CARDOSO, O. H. Quilombo urbano Família Silva recebe certidão de autorealização pela FCP. Obtida via internet no site: www.palmares.gov.br/com/html/comunidade-rs.htm.30-09-2004,14h25.
- CASTELLS, M. A era da informação: economia, sociedade e cultura, o poder da identidade. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CLAXTON, M. Cultura y desarrollo. Paris: UNESCO, 1994.
- CUCHE, D. A noção de cultura nas ciências sociais. São Paulo: EDUSC, 1999.
- CUELLAR, J. P. Nossa diversidade criadora. Brasília: UNESCO/Mec/Papirus, 1997.
- CUNHA, M. C. Antropologia do Brasil - mito, história e etnicidade. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- HERMET, G. Cultura e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 2002.
- KLIKSBERG, B. Capital social y cultura: claves esenciales del desarrollo. In: Revista de la CEPAL (69), dez. /1999, p. 85-102.
- LEITE, C. D. Furnas dos Dionísios. Revista Arca. Campo Grande, nº 05, out. 1995.
- LIBERDADE CULTURAL NUM MUNDO DIVERSIFICADO. Relatório do Desenvolvimento Humano. Lisboa, 2004. Disponível no site: www.pnud.gov.br.
- MOURA, A.P. Turismo e festas folclóricas no Brasil. In: FUNARI, P. P. e PINSKY, J. Turismo e patrimônio cultural. São Paulo: Contexto, 2001.
- Organização Mundial do Turismo. Guia de desenvolvimento do turismo sustentável. Trad. Sandra Netz. Porto Alegre: Bookman, 2003.
- POUTIGNAT, P.; FENART, J. Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.
- SILVA, S. J. de P. Flor do quilombo: lendas e narrativas de Furnas do Dionísio. Campo Grande: Letra Livre, 2004.
- SWARBROOKE, J. Turismo sustentável: turismo cultural, ecoturismo e ética. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Aleph, 2000.
- ULLMANN, R. A. Antropologia: o homem e a cultura. Petrópolis: Vozes, 1991.
- VERHELST, T. O direito à diferença - identidades culturais e desenvolvimento. Trad. Maria Luíza César. Petrópolis: Vozes, 1992.